

CUNHA, Helena Parente. **As doze cores do vermelho**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. 109 p.

Resenhado por

*Fabiana Rodrigues Carrijo*¹

Rede Municipal de Ensino de Catalão-GO

Ela continuará a deitar a cabeça no colo da mulher negra para chorar caminhos e descaminhar primaveras e desflorecer. (Helena Parente Cunha)

As doze cores do vermelho, romance de Helena Parente Cunha, conquanto não seja a obra mais citada da autora², se constitui em uma narrativa singular: três ângulos narrativos relatando a estória/estórias de uma personagem em três momentos: *passado* (a infância narrada por uma primeira pessoa: alguém que se institui ‘EU’); *o presente* (alguém se institui e conta a estória em segunda pessoa ‘VOCÊ’) e *o tempo futuro* (um narrador de 3ª pessoa narra a estória do ‘ELA’):

Esta é uma estória de simultaneidades, em três tempos e três vozes, num tecido que se estende e se desdobra nas três colunas de cada capítulo. Uma pintora, a personagem principal, na primeira coluna se apresenta como o eu que se reporta ao passado. A segunda coluna se sustenta por uma voz dirigida à protagonista através de um você vivido no presente. O ela da terceira coluna se refere à personagem em suas vivências futuras (CUNHA, 1998, p. 13³).

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia, Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino. Atualmente desenvolve projetos de leitura direcionados aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E-mail: facarrijo@bol.com.br

² A obra mais citada trata-se de **A mulher no espelho**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2003.

³ A partir deste momento todas as citações serão pontuadas com as iniciais do romance, seguidas do número de página.

Para além da fascinante e intrigante narrativa em três tempos, em três ângulos que podem ser lidos concomitantemente ou ao sabor da escolha do leitor, apenas o ângulo 1, depois o 2 e assim sucessivamente ou ainda outras tantas possibilidades; a estória narrada é pungente e (des)vela a imbricada relação de uma personagem feminina frente as suas escolhas e o quanto estas escolhas se acham entrelaçadas ao jogo *do aparente e do real; do lado de cá* — representado pelas convenções, pelas artimanhas da sociedade e do que seria “certo”, das punições, das proibições, do poder instituído e o *lado de lá* — representado pela liberdade, pela livre escolha, pelo prazer, pelo simples desejo de se fazer livre, o mundo das artes, da pintura, do permitido, do sonhado/do ambicionado).

Não há no presente romance personagens instituídas com nome, elas são destituídas dele e talvez, por esta mesma razão, elas possam, facilmente, representar qualquer uma de nós leitores/ leitoras em crescente e ininterrupta luta entre o lado de cá e o lado de lá e os possíveis preços ao se assumir este ou aquele caminho.

Nesse sentido, as personagens são representadas e diferenciadas pela cor do cabelo, olhos e/ou pele e a cor do cabelo, dos olhos e/ou da pele também (des)vela o caráter, a personalidade, o caminho escolhido por cada uma delas e o preço pago por esta assunção. As personagens são assim definidas: a menina loura, a menina de cabelos cor de fogo, a menina negra, a menina de cabelos castanhos, a menina de olhos verdes, o menino de cabelos de mel de flores de laranjeiras, o homem de pijama listrado e com a pasta preta. As características individuais das personagens vão se fazendo mais evidentes e distintas na medida em que se desenrola o enredo do presente romance... Na infância, no ângulo 1, estas características aparecem apenas diluídas; no tempo presente, parecem assumir contornos bem nítidos e no ângulo 3, no futuro, é o que sentencia cada uma delas, decretando-lhes, visivelmente, um destino, uma promessa, um castigo, um *fado*.

O romance intitulado *As doze cores do vermelho* — ora resenhado — para além de sua beleza estética, é perturbador e (re) trata, não sem dor, o desencontro a que estão fadadas as relações humanas e o quanto são vulneráveis os laços afetivos, assim como

se apresenta vulnerável/incerto/tênue manter o equilíbrio nesta balança (*in)fidedigna* ao escolher o lado de lá e/ou o lado de cá.

O romance principia com a luta entre a personagem de cabelos castanhos — personagem principal — tentando/tateando, a duras penas, mostrar/(re)velar para a sua professora que ela não enxerga o céu com tons azuis, mas exatamente nos tons e semi-tons/meio-tons do vermelho — primeira lição exigida da personagem e que ela se recusa a aceitar... seus olhos, sua sensibilidade insistia nos tons do vermelho: “O céu é vermelho” (ADCDV, 1998, p. 25).

Assim segue toda a trajetória da menina que aos olhos dos leitores e após leituras dos ângulos vai se (re)velando e tecendo possíveis escolhas e a opção por este ou aquele caminho/trilha vai também lhe (des)velar que há preços a serem pagos/custeados pela escolha deste lado de cá e/ou por este lado de lá:

desde que eu era muito pequena sempre dizia que quando eu crescesse queria ser pintora. Vozes rangiam que a mulher tem que colocar em primeiro lugar o lar. E pintar? Família marido filhos casa eu tinha que me preparar. Eu dizia que também queria pintar. Vozes se quebravam em suadas rumações (ADCDV, 1998, p. 60).

A menina de cabelos louros representaria toda a hipocrisia de uma dita sociedade que apregoa, indistintamente, o que seria *certo* ou *errado*, para uma mulher casada e/ou de família; a menina de cabelos cor de fogo — filha de uma mulher da vida — carrega em si as marcas indeléveis do preconceito do fado escolhido/sentenciado para a sua mãe e a despeito disso parece configurar um caminho vanguardista, moderno em relação ao papel que a mulher deve assumir/representar; o menino de cabelos de mel — pertencente ao mundo de lá... Das artes — não consegue se livrar das convenções de uma família alicerçada sob os moldes da carreira militar... Queria ser arquiteto e é, então, dragado para a tristeza, pondo fim assim ao seu próprio martírio por meio/por intermédio da morte... A menina de cabelos castanhos, a despeito de todos os preceitos declarados/anunciados/apregoados pela menina de cabelos louros, pelo marido de pijama listrado, pela supostas e desas-

trosas convenções do mundo machista e falocêntrico.... Escolhe o caminho de lá... Tão mais fascinante... Tão mais repleto das doze cores do vermelho, tão mais sedutor e, talvez por isso mesmo, tão mais temerário... Assume todos os riscos e ao assumi-los percebe que este fora um caminho da resistência, da brava resistência, de recusa ao não, ao *ão*, ao *ões*, aos *senões*...

Ela nunca esquecerá as censuras do marido todas as vezes que se isolou no quarto para pintar suas estrelas e seus peixes e os vermelhos roxos. Ela nunca esquecerá a latência dos seus gritos e o ápice de seus quereres (ADCDV, 1998, p. 61).

É impossível após a leitura de *As doze cores do vermelho* ficar incólume à sensibilidade poética, artística da romancista e de suas personagens, não há como ficar imune e, não raras vezes, também desejamos assumir a pele desta ou daquela personagem, nesta ou naquela ocasião e choramos, convulsivamente, por recusarmos os não, os senões e, por infindas vezes, aceitarmos, tão passivamente, o não, o (pre)conceito, as regras fixas e indelévels de nossas ancestralidades.

A leitura do romance talvez possa se constituir, ainda que de maneira incipiente, na promessa de (re)discutir as convenções, as restrições da mitológica cama de ferro, moldando posturas, comportamentos aceitos/exigidos para esta ou aquela pessoa. É ainda a possibilidade entreaberta de se *silenciar*, já que se faz impossível ficar livre de todas as coerções *do mundo de cá* e alçar vôos mais seguros ao *mundo de lá*, tantas vezes interditados e só, raramente, encaçado por homens e/ou mulheres. E há de buscarmos/encampá-los com todos os tons possíveis, nas doze cores do vermelho, nos diversos tons do azul, nos infindáveis semi-tons do amarelo, mas, especialmente, na diversidade do verde, na possibilidade sempre entreaberta do verde, em toda a sua grandeza e esperança.

Recebido em 21 de abril de 2008.

Aprovado em 30 de novembro de 2008.